

# Procura-se uma identidade: análise de um percurso de reconhecimento

*Looking for an identity:  
analysis of a recognition trajectory*

**Luis Fernando Beneduzi<sup>1</sup>**  
Doutor em História (UFRGS)  
Univesità degli Studi di Bologna  
beneduzi@lingue.unibo.it

**RESUMO:** Atualmente, observa-se um novo aumento no fenômeno da imigração, no entanto, os sentidos e as rotas foram alterados pois a Europa – antigo continente de emigração – tornou-se, desde a década de 1980, um espaço de imigração. A contínua difusão nos meios de comunicação das chegadas de africanos, asiáticos e latino-americanos produz na opinião pública europeia a imagem da invasão do estrangeiro. Nesse contexto, os imigrantes que chegam se deparam com a difícil tarefa de reelaborar suas identidades, vivendo dinâmicas de integração e de perda dos vínculos com a terra de origem. As diferentes respostas fazem perceber uma pluralidade de visões sobre a terra de chegada e sobre sua relação com a sociedade de acolhida. Busca-se entender, a partir da narrativa de uma imigrante brasileira na Itália, quais são os dilemas quotidianos daqueles que decidem fixar-se definitivamente num outro país e quais são os percursos escolhidos para experimentar o reconhecimento e reelaborar suas identidades híbridas.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade, imigração brasileira, reconhecimento.

**ABSTRACT:** A new increase in the human migration phenomenon has been observed in recent decades. However, the directions and routes of this process have been greatly modified. The European continent, a historical source of migrants, has become since the 1980s a favourite area for immigrants. As a result, the continued diffusion of news by the mass media on the arrival of Africans, Asians and Latin Americans has produced an image of invasion by foreigners in the European public opinion. In this adverse context, foreign newcomers have faced the difficult task of rebuilding their identities amidst the dynamics of integration and loss of bonds with their original homeland. Different responses to this process have exposed the plurality of visions held by the migrants on their new land and their relations with the host societies. We sought to understand this plurality departing from the narrative of a Brazilian woman living in Italy. We based our analysis on her perceptions about the daily dilemmas experienced by people who have decided to live permanently abroad, and which are the most common chosen paths adopted to gain recognition and to build hybrid social identities.

**KEYWORDS:** identity, Brazilian immigration, recognition.

A segunda metade do século XX, especialmente o último quarto desse século, trouxe consigo um aumento significativo na movimentação de indivíduos, tanto ao interno dos Estados Nacionais quanto entre os diferentes Estados. Os processos de descolonização na África e na Ásia promoveram um novo momento nas dinâmicas internacionais de imigração, revivendo – mesmo que em um outro contexto e sentido de fluxo – as grandes diásporas da virada dos

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas, da Univesità degli Studi di Bologna.

séculos XIX e XX. Efetivamente, a direção tornou-se outra, pois no período anterior observava-se uma partida contínua, principalmente da Europa Ocidental e do Japão, com destino aos países de imigração do século XIX (Estados Unidos, Brasil, Argentina e – posteriormente – a Austrália)<sup>2</sup>. Mesmo que os Estados Unidos tenham permanecido como imagem de terra da promessa, assim como a Austrália, a grande alteração será observada no contexto Europeu, visto que o Velho Continente deixa de ser um espaço de partidas e passa a ser um espaço de chegadas.

O processo de descolonização produziu uma marcha continuada de habitantes das ex-colônias em direção as antigas metrópoles, especialmente no caso inglês e francês. Por outro lado, os países latino-americanos – quer por problemas vinculados às ditaduras militares, quer por problemas sociais nascidos a partir da crise da década de 1970 – viveram o último quarto do século XX como um período de partidas. Em ambos os casos – África-Ásia ou América Latina – esses indivíduos envolvidos com a morte de experiências ancestrais, com a perda de espaços e relações de sociabilidade, que se constituíam em pontos de referência em seu processo identitário, tornavam-se progressivamente – na visão de Stuart Hall (2003) – diaspORIZADOS.

A experiência diaspórica traz consigo justamente a dimensão da hibridização pois, desde o momento em que começa a travessia, o indivíduo inicia um processo de defasagem com relação à terra de partida, mesmo a viagem constitui-se em uma dinâmica de releitura da experiência comunitária e do processo de imigração. Principia-se, com a travessia da fronteira – seja ela o oceano ou um espaço de terra que separa o lugar de nascimento e a sociedade de acolhida – um processo agonístico de tradução cultural, o qual se constituirá numa trajetória sempre incompleta de ambígua e ansiosa transição. Esses indivíduos hibridizados carregam consigo a “dialética da diferença” pois, com a imigração, não se “encaixam” plenamente na sociedade que os acolhe e – se retornam – não se “encaixam” mais no mundo que foi deixado para trás, o qual existe somente enquanto uma imagem flutuante, sua representação cristalizada no momento da partida: “Se eles retornassem as suas cidadezinhas de origem, o mais tradicional deles seria considerado ‘ocidentalizado’ – senão irremediavelmente diaspORIZADO” (HALL, 2003, p. 76).

---

<sup>2</sup> Destacam-se os quatro principais países que receberam imigrantes europeus e japoneses entre o final do século XIX e a Segunda Guerra Mundial, mesmo tendo presente que outros espaços do globo foram meta de chegada para diferentes grupos de imigrantes.

Assim como o imigrante vai reelaborar suas relações sócio-culturais no país que o acolhe, os seus procederão a releituras em suas relações no país de origem. A dinamicidade da cultura leva a que novas questões sejam postas, e este mover dos grupos sociais constrói novas formas de significar o mundo.

A experiência da viagem – que podemos narrar desde a decisão da partida até a chegada – funciona profundamente na esfera subjetiva, pois cada indivíduo, mesmo partindo em um período determinado, concebe a sua chegada – o dar-se conta da viagem terminada e do término da transitoriedade da sua condição – em um momento específico e vinculado a sua representação experiencial. A terra de partida torna-se sempre mais um espaço nebuloso, propício à elaboração de imagens cândidas ou dolorosas embasadas em vestígios do real vivido. Quanto mais distante se coloca a vivência concreta da pátria, mais mitificada ela se institui e – ao mesmo tempo – mais certa, cristalizada e homogênea ela se apresenta nas construções mnemônicas do imigrante.

Essa idéia de que as percepções acerca das experiências vivem uma contínua transformação e de que na “zona de contato”<sup>3</sup> produz-se uma constante interpenetração cultural criam o eixo dinâmico de um processo de transculturação, no qual sujeitos até então isolados, temporalmente ou espacialmente, travam embates simbólicos e entrecruzam suas diferentes compreensões sobre a realidade, sobre si, sobre o outro e sobre essa própria inter-relação. O *homo migrante*, em contato com a sociedade de acolhida, partilha de uma dinâmica comum de transformação, ambos os grupos experimentarão o contato com a alteridade e transformações em suas concepções identitárias.

O processo de transculturação promove diferentes efeitos de transformação nas culturas em contato, produzindo o “novo” em ambas, marcando a identificação de um sujeito que não se caracteriza mais por nenhuma delas. Dessa forma, os restos representativos dos antigos códigos culturais partilhados constituir-se-ão, num mesmo tempo, em vínculos com o passado – ressemantizado – e memória de seu desaparecimento.

---

<sup>3</sup> Esse conceito é discutido por Mary Louise Pratt como o espaço de encontros coloniais – porém, entende-se que pode ser utilizado no contexto das relações na zona de imigração italiana –, sendo tomado emprestado da lingüística – “linguagem de contato” – o qual faz referência “a linguagens improvisadas que se desenvolvem entre locutores de diferentes línguas nativas que precisam se comunicar entre si de modo consistente”. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 31.

A realidade apresentada faz denotar uma necessidade urgente ao imigrante – o qual se encontra em meio a um turbilhão que o envolve, a mudanças que o tomam de sobressalto, abruptamente – redescobrir-se, reconhecer-se e ser reconhecido em meio à sociedade que o acolhe. Essa nova situação presente pressupõe uma revisitação – consciente ou não – de sua trajetória e a procura de uma nova identidade, a qual será forjada a partir das representações mnemônicas da terra de partida e da sua leitura da terra de acolhida. Vivendo uma dinâmica interligada e subjetiva de autopercepção e alteridade, a nova identidade do imigrante estará vinculada, também, às suas estratégias de adaptação e recriação social no novo espaço.

Essa dimensão da busca de um reelaborar identitário pode sofrer um processo de agudização quando se pensa, para além da experiência individual, no fluxo acelerado de transformações que a sociedade moderna traz consigo. No bojo da sociedade contemporânea, encontra-se o contraditório da modernidade, pois se está vivendo – segundo Anthony Giddens – uma “distensão”, a partir da relação dialética entre diferentes formas e eventos locais e distantes. Segundo o autor, a realidade social atual vive a complexidade de relações mundiais interligadas a experiências locais, sofrendo um processo recíproco de ação modeladora (GIDDENS, 1994). Essa nova realidade globalizada produz novos processos de interação que alteram mais rapidamente e profundamente as diferentes sociedades locais. Mesmo não se podendo determinar o sentido dessas mudanças, as quais podem tomar direções opostas entre o mundial e o local, entende-se que o aumento da velocidade nas transformações micro e macrossociais produzem um aumento da sensação de perda, fator que cresce, majoritariamente, na experiência de expatriação.

Paul Ricoeur apresenta uma hermenêutica da vida humana – a qual se desenvolve no tempo – sendo dessa maneira histórica e, portanto, preenchida com a memória e o esquecimento (RICOEUR, 2003). Nesse sentido, a elaboração da identidade – pensando a necessidade de viver a vida em um tempo singular e plural – traz consigo um problema: a dificuldade de estabelecer uma identidade imutável, instituída em sintonia com a eternidade. Os indivíduos vivenciam uma sempre renovada necessidade de reestruturar-se, eles devem constantemente atualizar as suas identidades, as quais serão marcadas pelo novo tempo, pelas novas reminiscências: o mesmo “eu” será sempre um “outro”.

Neste contexto de mudança, busca-se então analisar as estratégias escolhidas por uma imigrante brasileira – natural do Rio Grande do Sul – em seu percurso de re-leitura identitária,

cruzando seus olhares em direção ao Brasil – sua terra de partida – e a Itália – sua terra de acolhida. No entanto, tem-se que esclarecer ao leitor dois elementos chaves para entender essa experiência específica de imigração, os quais a enquadram em uma perspectiva diferente diante do estereótipo da imigração brasileira na Itália. Como se perceberá mais adiante, essas duas características serão de grande relevância para a compreensão da análise que a entrevistada faz da realidade sócio-cultural da terra de chegada e das estratégias por ela adotadas para viver o novo espaço.

O primeiro elemento refere-se à idéia de uma “imigração invisível”, tendo em vista que a imigrante não apresenta características fisionômicas diferenciadoras diante da comunidade de acolhida. Tendo ascendência européia – em parte italiana –, fisicamente, a entrevistada não cria nenhum tipo de estranhamento diante da população da terra de chegada. A perspectiva de uma “imigração invisível”, quando se pensa a América Latina, nasce em contraposição à imigração centro-americana e de países sul-americanos de forte presença indígena. As populações provenientes desses estados nacionais, em grande parte fenotipicamente diferentes e com marcas culturais pouco ocidentalizadas, criam uma relação de estranhamento muito mais rápida e direta.

O segundo elemento, o qual se refere também às marcas de invisibilidade, relaciona-se ao nível de formação desta imigrante que – sempre se diferenciando do imaginário europeu – tem formação superior. Deve-se ainda destacar que a escolha da emigração fará parte de uma possibilidade de escolhas e não de uma dinâmica de não-escolha, ou seja, a entrevistada não será forçada a emigrar – por algum motivo econômico, político ou sócio-cultural – ela irá escolher a emigração como um projeto de realização pessoal.

No entanto, antes de prosseguir, é importante apresentar ao leitor essa misteriosa entrevistada. Sabe-se que é uma brasileira, mais especificamente gaúcha, com traços europeus e formação superior, elementos que por si a personalizam no universo de imigrantes contemporâneo. Foi desvelado também o local no qual ela se encontra, a Itália, mas ainda permanecem desconhecidas várias informações sobre ela.

Escolheu-se percorrer a trajetória de VBK <sup>4</sup>, gaúcha, nascida em Passo Fundo, no ano de 1951, especialmente porque ela procurou em sua entrevista apresentar uma análise de sua própria trajetória, de suas escolhas e de seus encontros e desencontros com associações e grupos de imigrantes <sup>5</sup>. VBK é graduada em Artes, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e – antes de sua vinda para a Itália, em 1986 – era professora, no magistério público estadual, da disciplina de Educação Artística, em Porto Alegre. Profissionalmente, sua vida experimentou uma grande mudança, pois hoje é casada e tem uma “pensão” para cães e gatos, cultivando também oliveiras em uma parte de sua propriedade, para manter os benefícios fiscais de uma propriedade agrícola.

Efetivamente, objetiva-se analisar essa mudança, o que acontece na vida de VBK nestes 18 anos – a entrevista foi feita em novembro de 2004 – que separam a data de partida do Brasil e o momento atual. Surgem questionamentos sobre as formas de sobrevivência, de adaptação, mas – sobretudo – sobre o modo como ela pode se reinventar enquanto brasileira, mulher, profissional nesse processo de travessia. Constituem-se ainda em questão importante, as estratégias de re-leitura de seu passado pessoal e as imagens sobre seu processo de imigração que continuamente sofrem um processo de reelaboração e formam novas representações e novas memórias sobre suas vivências.

O processo de imigração de VBK foi marcado pelo “acaso”, pois ela não tinha uma intenção primeira de emigrar, nem mesmo de viajar. O início de sua travessia deu-se a partir de um convite – feito por uma amiga – para passar um tempo na Itália, na cidade de Florença, porque essa amiga estava interessada num curso de arte; o tempo foi passando e esse convite acaba se concretizando numa viagem. A transferência da imigrante brasileira começa, dessa maneira, como uma brincadeira, uma conversa como tantas outras entre amigas, nas quais projetos são cogitados: “Quando se preparava, disse-me assim: ‘Vem tu também’. Eu respondi que sim, mas sem nenhuma convicção, nem me passava pela cabeça fazer uma viagem tão longa, por nada no mundo. Eu respondi assim por brincadeira.”<sup>6</sup>(VBK, 2004, p. 01).

---

<sup>4</sup> Usam-se as iniciais do nome da entrevistada – a partir de um acordo formal para o uso de um pseudônimo – porque as leis italianas sobre a privacidade não permitem a divulgação pública de pessoas sem um legal consentimento prévio.

<sup>5</sup> VBK. Entrevista realizada no dia 16 de novembro de 2004, em Terranuova Bracciolini (Arezzo), Toscana. A entrevista foi feita em italiano, pois a entrevistada disse não ter mais fluência suficiente na língua portuguesa.

<sup>6</sup> Os trechos da entrevista presentes no texto são livre tradução, visto que a entrevistada escolheu a língua italiana para o seu depoimento. Para poder transmitir o ritmo da entrevista e da oralidade, coloca-se o trecho em língua original em nota de rodapé. “Quando si preparava, ha detto così: “Vieni anche te”. Io ho detto, “sì”, ma senza

Depois de muitos meses, a amiga mais uma vez retoma a conversa sobre a viagem, informando da necessidade de preparar a documentação para que pudessem fazer os passaportes. VBK pergunta sobre os documentos, inicia o procedimento para a emissão do passaporte, mas a viagem ainda não se constitui em um projeto efetivo, ainda se está vivendo uma brincadeira. Efetivamente, sua travessia tem início com um novo elemento, o qual cria uma concretude no projeto da viagem, a passagem. A imigrante dá-se conta da mudança iminente que se apresentava quando sua amiga anuncia a necessidade de aquisição do bilhete, só então tem início sua viagem, a partir de sua decisão consciente de partir:

Faço o passaporte, depois, então, ela me diz assim “olha, temos que comparar a passagem”. Então, vim para trás e disse; “não, espera”. Então, eu comecei a pensar, organizar, verificar, isto é, a parte econômica – o que queria, o que não queria – enfim – e me decidi realmente a partir<sup>7</sup> (VBK, 2004, p. 01).

É somente a partir do momento da compra da passagem que VBK inicia de fato a organizar todas as coisas para a viagem, solicita uma licença-prêmio na escola, aproveita o período de férias, aluga o apartamento - não se percebe, portanto, nenhum sinal de uma imigração definitiva, mas de umas férias, um período de experiências. O bilhete aéreo é comprado com uma data de retorno fixada para depois de um ano e – assim – estava tudo ajustado: “então compramos uma passagem com o retorno dentro de um ano. Eu disse, bem, enquanto eu tenho o bilhete para a volta eu posso ficar ali<sup>8</sup>” (VBK, 2004, p. 01). Chegando lá, após uma estada de duas semanas em Portugal e na Espanha, por problemas de circulação aérea daquele período, começou propriamente o processo de “imigração”. Mesmo tendo voltado ao Brasil, um ano após quando seu período de licença se esgotou, VBK retornou pouco depois para a Itália: “aquele era o seu lugar”.

A imigrante vivia – nesse primeiro momento – uma relação de transitoriedade com o novo espaço, o observava com os olhos do visitante, sendo da área de artes, com o encantamento de quem tem diante de si um sonho. Florença era uma cidade imaginada e imaginária, como uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino, ela era construída a partir do olhar de VBK, uma imagem onírica que vinha ao encontro do sujeito que busca o seu Éden:

---

nessuna convinzione , non mi passava nemmeno per testa fare un viaggio così lontano, per niente. Io ho detto per gioco”.

<sup>7</sup> “Faccio il passaporto, dopo, poi, lei dice così “guarda c’è da comprare il biglietto”. Allora, mi son messa così indietro e ho detto “non, aspetta”. Allora io ho cominciato a pensare, organizzare, verificare, cioè la parte economica – cosa volevo, cosa non volevo – insomma – e ho deciso veramente di partire”.

<sup>8</sup> “poi abbiamo comprato un biglietto di ritorno in un anno. Io ho detto, beh, finche c’è il biglietto di ritorno ci posso stare lì”.

Quando cheguei em Firenze, aahh, me sentia como se vivesse chegado em casa, um lugar maravilhoso. Fiquei tão comovida com essa coisa. Mas por tanto tempo! Todos os dias – ai ai – era quase assim como se eu vivesse voltado em um lugar maravilhoso e vivia então aquela alegria assim, que estava presente em mim, que não conseguia entender de onde vinha. Era mesmo uma coisa interna, assim, muito grande<sup>9</sup> (VBK, 2004, p. 01).

O substrato da fala de VBK é marcado por uma retórica do encontro: consigo mesma, com um projeto, com aquilo que se buscava. Em sua narrativa é observável o entrecruzamento de duas temporalidades e de duas identidades, ou seja, a narradora – no tempo presente – conta suas sensações quando do momento da chegada. Nesse momento da entrevista, tem-se uma sobreposição temporal, quando o entrevistado – analisando sua experiência, nesse caso sua chegada na Itália – reelabora o passado, recria e re-lê seus diferentes “eus”, produz novos encaixes identitários:

É claro que, ao contar sua história a outrem, o entrevistado estará reelaborando o passado e fazendo descobertas sobre si mesmo. A realização de entrevistas de Histórias de Vida terá sempre relação com processos de construção de identidades (ALBERTI, 2004, p. 21).

Essa narração da experiência sensível, presente nas entrevistas de História Oral e, justamente, naquela de VBK, é produtora de diferentes imagens sobre o passado, as quais adquirem um sentido no percurso escolhido pelo entrevistado para contar a sua história, mas permanecem sempre um encontro de traços cristalizados sobre o passado. Em uma batalha contra o esquecimento, a narrativa da chegada de VBK e o encantamento que essa proporcionou são marcados pelo reconhecimento da experiência, a partir da narradora – que busca reconhecer-se em uma nova realidade, escolhida como definitiva. O ato narrativo busca articular a *mneme-memoria* e a *anamneis-reminiscentia*, ou seja, a imagem passiva que chega do passado e a análise retrospectiva e rememorativa, procurando lidar com o que Ricoeur chama de um *Paradoxo da Gramática*: “o passado é ao mesmo tempo aquilo que não é mais e aquilo que foi” (RICOEUR, 2005, p. 131).

Experimentado o encantamento, a realidade conduz a uma constatação pragmática: o dinheiro está terminando e é necessário começar a buscar uma maneira sobrevivência. Nesse momento, VBK reconstrói as primeiras experiências de exploração – mesmo vistas por ela como parte de uma conjuntura e fruto de sua não fluência na língua italiana. O bilhete ainda existe e –

---

<sup>9</sup> “Quando sono arrivata a Firenze, aahh, mi sentivo come si fosse arrivata a casa, un posto meraviglioso. Sono rimasta così commossa con questa cosa. Ma per tanto tempo! Tutti i giorni – ai ai – era quasi così come si fosse tornata in un posto meraviglioso e vivevo poi con quella gioia così, che era presente in me, che non riuscivo a capire da dove veniva. Proprio era una cosa interna così molto grande”



portanto – busca-se um trabalho temporário que permita sua permanência até o dia do retorno. Mesmo não sendo ela o perfil típico de imigrante brasileiro na Itália, seus primeiros empregos expressam a marca da precariedade e as formas usuais de sustento dos imigrantes.

A primeira experiência, de curtíssima duração, acontece a partir de uma relação de troca: VBK oferece sua força de trabalho nas lides doméstica e em troca recebe a hospitalidade. Efetivamente, esse primeiro contato com o mundo do trabalho na Itália – o qual não ultrapassa a duração de um mês – encerra em si uma dinâmica de exploração, narrada pela entrevistada:

Eu tentei este por aproximadamente um mês – ou alguma coisa assim – mas não deu certo. Porque é uma coisa muito difícil ... uma exploração terrível. Trabalhar vinte e quatro horas por dia, para dormir e comer e, ainda, enfim, não era uma maneira muito cômoda para mim<sup>10</sup> (VBK, 2004, p. 02).

Quanto VBK inicia a seqüência narrativa de suas experiências de trabalho, demonstra uma observação pragmática sobre suas escolhas, relatando objetivamente os insucessos, as vivências desagradáveis, a exploração. Tudo parece fazer parte de um processo natural. As motivações para essa sua maneira de contemplar a realidade na terra de chegada tornar-se-ão mais clara no decorrer do texto, quando ela explicita a necessidade – desde o momento em que decide pela permanência definitiva – de integrar-se, de construir com a comunidade de acolhida uma nova identidade. Tendo presente a análise de Honneth (2003) sobre a categoria *reconhecimento*, na qual entende a produção de identidades como uma relação intersubjetiva na perspectiva de um reconhecimento mútuo, a forma como ela tenta lidar com os diferentes níveis de contato faz parte de uma busca de se auto-reconhecer neste novo espaço e ser reconhecida pela comunidade que o habita.

A imigrante brasileira – nesse momento em que conta ao entrevistador suas diferentes atividades de trabalho, diferentemente dos outros momentos da entrevista – narra estritamente os acontecimentos, sem julgamentos explícitos, sem comentários de acréscimos, narra “o real acontecido”. Sua segunda experiência, que ela justifica por um domínio maior da língua e um conhecimento maior da realidade – adaptação/integração – permite o início de uma relação semi-assalariada:

---

<sup>10</sup> Ci ho provato questo per un mesetto – qualcosa – ma non è andata bene. Perché è una cosa molto... uno sfruttamento terribile. Lavorare 24 ore al giorno, per dormire e mangiare e poi, insomma, non era una maniera molto comoda per me”

Então eu continuei a procurar e – pouco a pouco – estas convivências deram assim um pouco mais de possibilidades de falar um pouco melhor, compreender um pouco a língua e, então, consegui encontrar um trabalho, uma parte em dinheiro e uma parte em hospitalidade, para ajudar uma pessoa idosa, com problemas de saúde em nível nervoso<sup>11</sup> (VBK, 2004, p. 02).

A seqüência de trabalhos, depois de sete meses cuidando dessa senhora idosa, é narrada de maneira ainda mais sintética, apresentando uma pluralidade de atividades, sempre vinculada ao ambiente doméstico e à colaboração na assistência a crianças e idosos: “Eu fiz trabalhos por hora, isto é, fazia limpeza, trabalhava como *baby sitter*, diversos tipos de trabalhos<sup>12</sup>” (VBK, 2004, p. 02).

O tempo segue seu curso e o ano “sabático” chega ao fim, VBK tem que tomar a decisão: permanecer ou retornar. Sua licença também está vencendo e outra questão importante se coloca: retomar o emprego fixo e garantido no Brasil ou abandonar tudo e seguir uma nova vida em Florença. Tem-se ainda um terceiro elemento, um namorado italiano, pois durante esse ano, VBK inicia uma relação com o seu professor de Yoga, o que cria uma nova dimensão de integração à sociedade de acolhida e um motivo a mais para o não-retorno.

Ao final de seu balanço, VBK decide retornar, mesmo sem vontade: “Bem, tinha que partir, porque tinha que partir, não tinha mesmo tanta vontade – por nada no mundo – porque eu queria ficar<sup>13</sup>” (VBK, 2004, p. 02). No entanto, leva consigo o namorado – que não tem um emprego fixo – que vai “tentar a vida” no Brasil. Essa experiência da “volta a casa” traz consigo a não-adaptação, a retomada não significa uma realização e – por fim – acrescenta-se a impossibilidade, segundo VBK, de duas pessoas conseguirem viver dignamente apenas com o salário de professora estadual. O retorno frustrante configurava a necessidade de uma nova tomada de decisão: deixar tudo e retornar – agora definitivamente – para a Itália ou continuar e tentar levar adiante a vida.

VBK decide, então, retornar para a Itália e – como ela mesma diz – desta vez de uma maneira estável, isto é, definitiva. É apenas neste momento que tem início a viagem efetiva da imigração, pois até então se estava lidando com a transitoriedade do turismo ou da visita, ou

---

<sup>11</sup> “Allora io ho continuato a cercare e – piano piano – queste convivenze così hanno dato un po’ più di possibilità di parlare un po’ meglio, capire un po’ la lingua ed allora sono riuscita a trovare un lavoro, una parte in soldi e una parte in ospitalità, per accudire una persona anziana, con problemi di salute al livello nervoso”

<sup>12</sup> “Io ho fatto dei lavori ad ora, cioè, facevo la pulizia, facevo la tata per i bambini, diversi tipi di lavori”.

<sup>13</sup> “Beh, dovevo partire, perché dovevo partire, tanta voglia non avevo proprio – per niente – perché io volevo restare”.

ainda, das experiências no exterior. Mesmo estando sempre presente a necessidade da integração e do reconhecimento, não havia o peso de uma estada definitiva. Ela personifica, na decisão do retorno à Itália, a imagem do aventureiro, pois abandona suas seguranças – como um emprego público estável – e se lança rumo às incertezas: “o aventureiro trata o que é incalculável como calculável aposta tudo no destino impreciso e pondera que contará com a sorte” (SIQUEIRA, 2007).

Nesse novo momento, duas questões que transitam no campo da estabilidade começam a ser postas: “Então, com idéia maior de estabelecer-me, de ter a minha casa, de ter o meu espaço<sup>14</sup>” (VBK, 2004, p. 03). A necessidade da casa – enquanto espaço pessoal, privado – e a busca de construir um seu ambiente fixo caracterizam o próprio processo de integração, pois criam um novo olhar para a comunidade e da comunidade. Adquirir a residência, especialmente no caso italiano esse procedimento é muito burocrático, é colocar-se – fisicamente – dentro da cidade e, conseqüentemente, da sociedade.

Eleger um espaço pessoal traz consigo, também, a elaboração identitária, pois no momento em que se ocupa o espaço físico da casa, também se está preenchendo a si mesmo. As relações que se estabelecem no interior deste novo ambiente e em seu entorno serão pontos de força no processo de reconhecimento, porque criam novos significados, a partir de um processo relacional. Essa nova construção permite, ainda, um processo de ruptura com o passado, pois tem início um novo enraizamento, o qual é muito bem visto por VBK. Ela decide romper com o passado, pois a idéia de se adaptar à nova realidade pressupunha construir um abismo que a separasse das experiências anteriores: “Procurei sempre viver as coisas deste espaço, deste ambiente, desta cultura. Arranquei de mim, mentalmente, a minha vida de antes. [...] Tem uma riqueza de vivências diferentes que não me fez pensar naquilo que vivi uma vez”<sup>15</sup>(VBK, 2004, p. 04).

Para a entrevistada, a integração consiste num processo de morte, deve ser arrancado de si tudo aquilo que a vincula ao “eu” passado e não se pode permitir nem mesmo que *mnememoria* venha turbar essa nova experiência. Efetivamente, essa necessidade de destruir em si – ou melhor, tirar para fora de si – a vida de antes, ou seja, aquela que se vivia no Brasil, e

---

<sup>14</sup> “Allora con una idea più di stabilire, di avere la mia casa, di avere il mio spazio”.

<sup>15</sup> “Quindi ho cercato sempre di vivere le cose di questo spazio, di questo ambiente, di questa cultura. Ho staccato mentalmente la mia vita di prima [...]C’è una ricchezza di vissuti diversi che a me non ha fatto pensare quello che avevo una volta”.

esconder-se em um novo jogo de vivências, pode funcionar como uma tentativa de superar o próprio efeito doloroso da perda. Retirar as experiências passadas do horizonte de expectativas acaba funcionando como uma pacificação à impossibilidade do retorno e como uma justificativa para as escolhas feitas. De fato, a nostalgia constitui-se num luto pelo não-retorno, pois o mundo a que se quer retornar ficou perdido num espaço-tempo distante e inatingível: “A nostalgia moderna coincide com uma sensação de luto pela impossibilidade de um retorno mítico, pela perda de um mundo encantado com limites e valores claros” (BOYM, 2003, p. 09).

Na verdade, o sentimento de perda que envolve a vida de VBK está relacionado a experiências sensíveis de uma infância passada, a uma outra casa, a outros espaços, os quais devem ser esquecidos, pois pertencem a uma outra identidade. As lembranças não marcam o senso comum de um Brasil abstrato, mas envolvem um cotidiano deixado para trás, cristalizado em canções, comidas, aromas, imagens – parte da concretude da existência. A sua própria compreensão identitária não perpassa uma trajetória comum identificadora com a nação, mas um contraste entre experiências culturais anteriores e atuais, construindo – dessa maneira – uma nova imagem: a identidade do imigrante. Nesse sentido, entende-se que essa identidade que se está estudando é um processo de construção, não existindo num *a priori* e sendo forjada no transcorrer da experiência: “a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (HALL, 2003, p. 15). VBK, ainda no momento da entrevista, está mais uma vez reelaborando a sua identidade e a perda da fluência em língua portuguesa demonstra o seu mergulho em um processo de hibridização.

A busca de ruptura com o “eu” passado conduz a duas importantes ações: fuga das associações de imigrantes e inserção a todo custo na comunidade de acolhida. De uma certa maneira, essa dinâmica de destruição dos laços que a vinculam ao Brasil, ou a situação de imigrante, e a integração ao novo espaço traz consigo uma tentativa de esquecimento, de não permitir a ação de uma memória involuntária que traga à luz aquela VBK que deve deixar as suas coisas para melhor conviver com a nova comunidade. Procura-se não permitir que os vestígios do passado venham à mente, que, de uma maneira involuntária, o passado que habitava em objetos, imagens ou experiências faça sua re-entrada desestruturando a nova identidade “italiano-fiorentina”:

Assim ocorre com nosso passado, que segue vivendo em um objeto, em um sabor, em um cheiro, e se podemos, algum dia, por casualidade, dar a nossas recordações o apoio de uma sensação presente, então retomam vida como os mortos (MAUROIS, 1998, p. 219).

A imigrante vai escolher sufocar os mortos que possam estar presentes em experiências – relações de solidariedade e sociabilidade – que a vinculam ao Rio Grande do Sul. Mesmo mantendo contatos com parentes e amigos, esses começam a ser sempre mais esporádicos, pois o necessário é criar novas redes. Nesse sentido, será na comunidade de San Giovanni Valdarno (Arezzo) – cidade localizada na divisa entre as províncias de Florença e Arezzo – que VBK vai comprar sua casa. Mesmo que a escolha tenha sido motivada por questões econômicas, a vivência em um pequeno núcleo urbano constituir-se-á num elemento positivo para a construção de novas relações. Com essa finalidade, ela mergulha profundamente na realidade comunitária, seguindo com seu trabalho de assistência doméstica e limpeza e descobrindo no trabalho voluntário uma nova possibilidade de integração:

E ficando mais tempo em San Giovanni, eu comecei a vivê-lo, isto é, a ir um pouco à cidade, a procurar as pessoas, a procurar coisas para me inserir e uma das coisas que eu fiz foi o trabalho voluntário: o trabalho voluntário para a assistência de pessoas hospitalizadas, depois o trabalho voluntário junto às associações de proteção dos animais – em princípio recolhia os gatinhos abandonados pelas estradas que eram levados à associação, para cuidar deles e lhe dar leite, ficava com eles em casa até que fossem adotados<sup>16</sup> (VBK, 2004, p. 03).

Nessa relação com o trabalho voluntário VBK começa a ser conhecida pela coletividade, passa a fazer parte do cotidiano e da rotina da cidadezinha e – mesmo sendo “o outro” – progressivamente vai assumindo sua nova identidade. Mesmo assim, a imigrante define uma estratégia importante para viver ainda mais profundamente essa dinâmica de inserção, viver como seus os interesses dos outros e deixar na esfera privada os seus interesses:

os meus interesses são ainda os meus interesses, mas individuais, não os dividido com os outros. Com os outros eu dividido os interesses deles. Certamente, carrego as minhas bagagens, com todos os meus interesses etc, etc, mas procuro viver aqueles<sup>17</sup> (VBK, 2004, p.05)

---

<sup>16</sup>“E restando più tempo a San Giovanni, io ho cominciato a viverla, cioè, a andare un pochino in paese, a cercare delle persone, a cercare delle cose per inserirmi e una delle cose che io ho fatto, è a fare il volontariato: il volontariato per l’assistenza alle persone all’ospedale, poi il volontariato presso una associazione di protezione animali – in principio prendevo il gattini abbandonato per le strade, che portavano alla associazione, per allattarli badarli, tenerli in casa fino che andassero in adozione”.

<sup>17</sup> “I miei interessi sono ancora i miei interessi, ma individuali, non dividido con gli altri. Con gli altri dividido quello di loro. Sicuramente porto i miei bagagli, con tutti i miei interessi ecc ecc, però cerco di vivere quello”.

Para a depoente, integrar-se significa excluir, deixar fora de seu processo relacional as suas preocupações, as suas inquietações, e viver aquelas dos outros. Em sua fala, vinculada à experiência de estar numa outra realidade, encontra-se um substrato do multiculturalismo, mas apenas num sentido: eu vivo o outro. Não desconhecendo as suas exigências e a sua busca de auto-realização, tudo será mediado – na esfera coletiva – pela ação do outro. No processo de interação, a imigrante tenta ser um espelho, refletindo a cultura e as expectativas da comunidade de acolhida. Sabe-se que – mesmo inconscientemente – as suas percepções serão colocadas, mas o que importa neste momento é pensar essa dinâmica do processo migratório, na qual a exclusão das experiências anteriores a fazem entender um processo mais tranquilo de integração.

A fala da entrevistada coloca duas questões-chave: que identidade individual é apresentada no conjunto de interações sociais e que conjunto de intersubjetividades é partilhado num processo de reconhecimento. VBK pensa a integração como um subsumir-se – desaparecendo como brasileira – na realidade da terra de acolhida. Efetivamente, existe uma preocupação constante em apresentar a imagem de um indivíduo que vive a integralidade das normativas sociais. Nessa nova relação, a imigrante vive a comunidade de acolhida e a reconhece como um “outro” que tem de ser “o mesmo”, não é visível um desejo de reconhecer-se na comunidade, mas como uma representação daquilo que ela imagina ser as relações intracomunitárias.

Segundo Adelia Miglievich Ribeiro, “o reconhecimento do outro e de si próprio como cidadão implica ‘apenas’ a produção de valores tais como respeito e tolerância, capazes de produzir laços sociais” (RIBEIRO, 2006, p. 16). VBK procura e vive o reconhecimento na sua relação com o outro, pois entende que se inserir significa aceitar a comunidade de acolhida na sua diferença e na sua pluralidade. No entanto, não exerce essa mesma tolerância para consigo mesma, pois a sua diferença não pode ser tolerada, em prol da construção de redes sociais ao interno da sociedade italiana. Possivelmente, a representação construída pela entrevistada sobre a comunidade em que vive exclui a idéia de que – na mesma medida em que ela procura aceitar e respeitar a nova cultura – a população local procurará “reconhecê-la” em sua diferença. Portanto, ela entende que para acontecer o reconhecimento de dentro da comunidade, é necessário que não haja o auto-reconhecimento. Talvez uma chave de leitura dessa relação criada e vivida por VBK esteja fundada na pseudo-idéia de uma possibilidade de isolamento entre os indivíduos e as coletividades, entendida por Ribeiro como uma “farsa”,

tendo em vista que “a maior parte dos tormentos individuais são determinados coletivamente” (2006, p. 16).

Além da busca de construção de um novo “eu” nas dinâmicas inter-relacionais, a imigrante brasileira tenta reconstruir seu “eu” italiano a partir da elaboração de novos hábitos, reconhecidamente diferentes daqueles pertencentes às suas experiências em terra brasileira: “ter o hábito de ir comprar o pão todos os dias, que não é um hábito nosso – brasileiro – fazer isso; se tem pão, não se vai comprar o pão novamente<sup>18</sup>” (VBK, 2004, p. 04). No entanto, para a depoente, esses novos hábitos acabam constituindo-se em uma maneira de aumentar o grau de inserção e conhecer pessoas novas, pois entre uma compra e outra, entre uma caminhada e outra, cruzando os mesmos espaços, nascem as primeiras saudações e as primeiras palavras trocadas:

Então ali se encontravam as pessoas que eu via todos os dias e depois vai fazer as comprar em um outro lugar e depois faz isso, isto è, fazendo as coisas com as quais pouco a pouco tu te insere de uma maneira sutil. Eu encontrava pessoas todos os dias, saudava, depois acontece de dizer uma frase e pouco a pouco tem início uma relação<sup>19</sup>. (VBK, 2004, p. 05)

Independentemente do desejo de VBK, o processo de inserção pressupõe o reconhecimento da diferença, ou seja, é um esforço para se tornar parte do grupo, porém, sempre sabendo que não se é propriamente do grupo. O outro será sempre alteridade, por mais forte que possa ser a busca por compreendê-lo; por mais que se busque compreender a diferença cultural entre os graus de profundidade dos relacionamentos, eles serão sempre expressão de formações culturais diversificadas:

Todos nós nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais. Todos nós nos originamos e falamos a partir de ‘algum lugar’: somos localizados – e nesse sentido até os mais ‘modernos’ carregam traços de uma ‘etnia’. Como Laclau argumenta, parafraseando Derrida, nós só podemos pensar ‘dentro de uma tradição’ (HALL, 2003, p. 83).

A depoente apresenta-se como uma pessoa aberta, que busca estabelecer laços e contatos com a nova cultura; porém, ela mesma, ao se dar conta que não encontrará na Itália a mesma densidade de relacionamentos humanos que vivenciava no Brasil, permite entrever a

---

<sup>18</sup> “Cioè, avere la abitudine di andare a prendere il pane tutti i giorni, che non è una abitudine nostra – brasiliana – fare questo, si c’è pane, non si va a prendere il pane di nuovo”.

<sup>19</sup> “Quindi lì si trovavano delle persone le quale io vedevo tutti i giorni e poi va a fare la spesa in un altro posto e poi fa questo, cioè facendo delle cose con le quale piano piano te ti inserisce di una maniera sottile. Trovavo delle persone tutti i giorni, saluti, poi succede di dire una frase in più e piano piano si inizia un rapporto”.

existência de uma diferença (VBK, 2004). Embora construa como estratégia a “aceitação” da alteridade e a negação de suas experiências e percepções anteriores, ela transparece uma leitura sobre sua nova realidade que é marcada por seus próprios códigos formativos – enraizados em sua vivência no Rio Grande do Sul.

É importante mencionar ainda um outro elemento destacado por VBK na entrevista, o seu afastamento de grupos de imigrantes e de associações vinculadas à imigração na Itália. Essa questão vem ao encontro da problemática anunciada anteriormente, sobre a necessidade de fugir de tudo o que está vinculado ao passado, o que se coloca como um entrave no processo de inserção. Segundo a imigrante, o grupo étnico acaba complexificando a escolha de “tornar-se invisível”, o que fica claro em sua fala, condição necessária à adaptação. VBK lembra suas tentativas de participar das associações, assim como sua decepção, porque se sentia num processo de “ghetificação”, tendo em vista que as temáticas eram as mesmas, que o tempo passava e permanecia apenas a crítica ao que a nova sociedade oferecia:

Uma coisa que nunca gostei, foi de freqüentar e fazer *ghetto*. Não me parece justo estar em um lugar e *ghettizzarsi*, isto é, os estrangeiros ou os brasileiros. [...] As pessoas que se “ghetizam” propõem uma idéia negativa, isto é, não gosto destas coisas que estou vivendo, porém, tenho de estar aqui, neste lugar e fazer estas coisas<sup>20</sup> (VBK, 2004, p. 08)

Na percepção da imigrante, a idéia de associação ou grupo étnico é vinculada a não integração, a tentativa de manter sua cultura local, a formação de “ghettos”. Ela descreve as associações de imigrantes como quistos no interior da sociedade de acolhida, o que dificulta a inserção e a entabulação de relações intersubjetivas que permitam o reconhecimento recíproco. Para ela, a busca de uma reelaboração da identidade étnica, pensada na coletividade, transforma-se num instrumento de separação, numa exclusão do outro – aquele que pertence à comunidade de acolhida – e num auto-excluir-se do novo tecido social.

VBK narra-se como uma imigrante não-transitória, ela escolheu a Itália como sua terra definitiva, mas tem clara a diferença entre esses dois grupos de emigrantes, aqueles que escolhem o exterior como forma de acumular dinheiro, para depois retornar para casa – os emigrantes temporários – e aqueles que se decidem por uma travessia definitiva – o emigrante definitivo. Os seus sentimentos para com a terra de chegada – segundo seu ponto de vista –

---

<sup>20</sup> Non mi sembra giusto stare in un posto e ghettizzarsi, cioè stare lì – gli stranieri o i brasiliani [...] Le persone che si ghettizzano, propongono un'idea negativa – cioè non mi piacciono queste cose che io sto vivendo, però devo stare qui, in questo posto, fare queste cose”.



são aqueles de quem escolhe fazer do novo país sua casa. A depoente, como o emigrante “definitivo”, busca construir uma vida nova, um novo universo de relações, enraizar-se na nova terra. O emigrante temporário procura – pelo contrário – não perder os vínculos com a terra de partida. Como diz a entrevistada, esta personagem que enxerga a travessia como algo passageiro e mantém todos os seus vínculos com o lugar de nascimento, vive um não-tempo, num não-espço, pois está vivendo aquele momento e aquele lugar sem abrir a “mala-alma”:

São realmente dois comportamentos diferentes e que propõem também uma vida diferente e, penso eu, mais difícil. Isto é, estar aqui todo este tempo só para fazer dinheiro, é não viver este período. É deixar os teus sentimentos e a tua vida parados e, depois, não encontras aquilo que deixaste<sup>21</sup> (VBK, 2004, p. 08)

Para ela, a emigração transitória constrói uma dupla via de exploração pois na medida em que o emigrante busca acumular dinheiro no país em que chega, o nacional – através da exploração de seu trabalho – busca ganhar com a utilização abusiva de sua mão-de-obra. O empregador concede um trabalho ilegal, o que lhe permite economizar os impostos e as garantias trabalhistas e o empregado aceita essas condições, mesmo que desfavoráveis, pois permitem fazer uma poupança para quando será possível o retorno.

VBK constitui-se em um caso emblemático para pensar esse indivíduo moderno, envolvido em um processo acelerado de mudança e vivendo a complexidade de um processo de imigração. Em suas considerações sobre a sua travessia, percebe-se o contraditório de uma auto-análise que centra sua narrativa numa clarificação das motivações de sua permanência hoje na Itália. Ao mesmo tempo em que ela diz não viver um sentimento de nostalgia ou saudade com relação ao Brasil, ela narra sua estada frustrante em Porto Alegre, na qual não reconhecia mais seus antigos lugares de memória. Ela comenta a necessidade de se anular para se integrar, mas – ao mesmo tempo – fala das diferenças na profundidade dos relacionamentos, pois as amizades no Brasil eram muito mais fáceis de iniciarem e tinham uma intimidade muito maior.

No processo da entrevista, a depoente não percebe as transformações que esta nova experiência trouxe no processo mutante de sua personalidade, mas as próprias reflexões que ela traz à luz revelam uma dinâmica de interrogação e mudança. Se a imigração promove uma

---

<sup>21</sup> “Sono veramente dei comportamenti diversi che propongono anche una vita diversa e, secondo ne, più difficile. Cioè, stare qui tanto tempo, solo per fare soldi, è non vivere questo periodo. È lasciare i tuoi sentimenti, la tua vita fermi che poi, non trovi più quello che hai lasciato”.

ruptura com uma cultura anterior e lança o indivíduo numa nova realidade cultural, como os diferentes hábitos que ressaltam VBK, essas novas relações acabam produzindo um novo indivíduo, híbrido. O imigrante – integrado ou não à nova comunidade – entrará num processo de busca de um novo “eu”; mesmo inconscientemente ele passará a agir de forma diferente, participar de ritos novos de sociabilidade e solidariedade, como demonstra o trabalho voluntário de VBK. O caminho do reconhecimento na sociedade de acolhida – a partir de um processo relacional entre o indivíduo e a nova coletividade – será a estrada fundante na construção de uma nova identidade para esse *homo migrante*, identidade que terá a coloração das escolhas do próprio protagonista da imigração.

**BIBLIOGRAFIA**

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BOYM, Svetlana. “Ippocondria del cuore: nostalgia, storia e memoria”. In: MODRZEJEWSKI, Filip; SZNAJDERMAN, Monika. *Nostalgia*. Saggi sul rimpianto del comunismo. Milano: Mondadori, 2003.

GIDDENS, Anthony. *Le conseguenze della modernità*. Fiducia e rischio, sicurezza e pericolo. Bologna: Il Mulino, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Édition Albin Michel, 1994.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

MAUROIS, Andrés. *En busca de Marcel Proust*. Bogotá: Editorial Norma, 1998.

RIBEIRO, Adélia Maria Miglievich. Condição humana, condição cidadã: um ensaio sobre a dignidade da política e os desafios do novo Estado democrático. *Ciências Sociais Unisinos*. 42(1) 12-18, jan./abr 2006.

RICOEUR, Paul. *Percorsi del Riconoscimento*. Tre studi. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2005.

\_\_\_\_\_. *La memoria, la storia, l'oblio*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2003.

SIQUEIRA, Sueli. “O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Número 7 - 2007, mis en ligne le 7 juin 2007, référence du 26 juillet 2007, disponible sur:  
<http://nuevomundo.revues.org/document5973.html>.

VBK. Entrevista realizada no dia 16 de novembro de 2004, em Terranuova Bracciolini (Arezzo).